

MEDITAÇÕES À BEIRA DO RENO

*Antônio Pinto da França*¹

Faz quase três anos que me sento frente a estas janelas abertas sobre o Reno. Vejo-o correr e com ele correm milênios. Perante a minha imaginação desfilam gerações e gerações de europeus, navega a História deste Continente. O grande Rio é artéria, sangue, comunicação, água e fogo. Foi a estrada fácil de comerciantes, guerreiros e colonizadores, trouxe e levou idéias, uniu mais que dividiu. É um símbolo vivo da História e da própria vida, sempre o mesmo Rio de águas constantemente renovadas. Foi caminho da expansão romana, base da Europa unificada sob Carlos Magno, fronteira do império desmembrado, linha de séculos de confronto e encontro de irmãos desavindos a Leste e a Oeste. Aqui se cruzaram as línguas, os dois cristianismos, os modos, maneiras e concepções que ficavam para além do mundo germânico, para lá da cultura francesa, ou no grande Norte, até que os europeus de novo entendessem que a grande linha de água não era fratura mas união e se pusessem a construir a Comunidade e a mirar e a dialogar com o Leste liberto de muros e muralhas. Retomar os fios de Roma e de Aix-la-Chapelle, no afã de refazer, como se não se tivessem passado séculos, o *Sacré Império* para escapar aos trágicos vazios e às disensões, nacionalismos, racismos, antagonismos que ciclicamente dilaceram os europeus.

Como o Reno me ensina a compreender melhor a sabedoria tão básica da construção da União Européia! Mas quantos *Velhos do Restelo* não se sentam à beira das águas européias, que vêm correr mas não

(1) Autor de várias obras. Foi Cônsul-Geral de Portugal no Rio de Janeiro e é atualmente Embaixador de Portugal na Alemanha.

entendem, para anunciar em voz tonitruante catástrofes e desgraças, caso forem derrubadas as sebes dos seus quintais!

Foi sempre assim. O Homem guarda, do início dos Tempos, a recordação difusa mas segura de uma unidade *líquida* e perfeitamente harmoniosa. Ela é, advinha-o, Principio e Fim de todas as coisas. Contudo a tentação do imediato renasce constantemente. Impor o *Eu*, cultivar o egoísmo, preservar o Poder próprio, subjugar os outros, cobiçar-lhe os bens. Logo a divisão! Contudo, assim como o Rio corre para o Oceano, assim as gentes, em sobressaltos e desvios, marcham, indecisa mas fatalmente, para uma unidade a cada passo mais vasta.

Passam constantemente estas imensas barcaças engalanadas de pavilhões variados, prenhes de bens que fazem a riqueza das trocas comerciais; de noite, são como grandes gatos a ronronar, que singram serenamente para seus destinos cosmopolitas, cidades opulentas ao longo das margens, de Roterdão ao Mar Negro. Vão pilotadas por gentes díspares, turcos, húngaros, checos, holandeses ou belgas. Vão no grande rio sem fronteiras — paz, prosperidade, liberdade — que uno, corre a diversidade das regiões, sulcando, caldeando, culturas e falares diferentes. Mas vão também desfilaro cidades onde à noite saem da *toca* bandos que buscam turcos para queimar. Não são alemães, não. Há outra coisa por detrás. São o outro lado de nós, levado à exaltação do nacionalismo, da violência, da mesquinhez, da ganância. Saem como *ratos* de dentro de nós. A divisão contra a unidade.

Não podem cortar o grande rio mas podem ameaçá-lo, secar-lhe a fertilidade; não podem dividi-lo mas podem demorá-lo no seu curso.

O Reno é o Mundo. Fascina-me, obceca-me. Quando saio de junto dele rói-me um vazio, quando regresso aconchego-me na sua proteção e vogo fecundo, a espreitá-lo. Nas grandes viagens pela Alemanha ou nos países vizinhos, cruzo-o com frequência. De cada vez que o reencontro é toda uma emoção, a plenitude das quimeras possíveis.

Diz-me um grande amigo prussiano a quem conto destas coisas: pois é, estás apaixonado pelo Rio. E logo, vivamente, entre risos a esconder sinceridade, *tem cuidado, estás possuído duma paixão funesta, olha que o Reno só trouxe desgraça e loucura, vê tu, até o Romantismo...* Lá está mais uma voz do Restelo a ecoar a Leste!

Por falar no *Reno-fratura* ponho-me a pensar no relacionamento Portugal-Alemanha. Durante séculos, desconhecera-se. O mundo europeu para nós *compreensível* parava à beira do Rio. Para além dele, línguas *bárbaras*, interesses e acontecimentos nebulosos, vivências herméticas!

Os dois países, apesar de localizados a uma distância acessível, mesmo em termos medievais, conviveram pouco. Tal resultou talvez de dificuldades linguísticas, de secular política continental alemã por oposição à política *marítima* portuguesa que nos manteve mais ou menos

afastados dos negócios europeus e nos levou ao desenvolvimento das relações políticas com a Inglaterra.

Por outro lado, a necessidade de resistir a tendências hegemônicas espanholas, levou-nos, no passado, ao estreitamento de relações com a França, muito particularmente no campo cultural.

No entanto, muitos foram os contatos ao longo dos séculos. Logo no início da nacionalidade portuguesa, mais exatamente em 1147, se registrou a presença de cruzados alemães a caminho da Terra Santa, na conquista de Lisboa aos mouros. Lá está sepultado em S. Vicente de Fora o Cavaleiro Henrique de Bonn que morreu no cerco da cidade. Esteve antes sepultado no Castelo de S. Jorge e conta a lenda que da sua campa nasceu uma palma que deu um cacho milagroso para muitas enfermidades.

A partir do século XVI as facilidades trazidas pela invenção da arte de imprimir, permitiram a publicação e divulgação das mais variadas notícias sobre os descobrimentos portugueses. Recorde-se a famosa gravura em que Dürer representou o rinoceronte que os portugueses haviam encomendado para oferecer ao Papa Leão X. Passam por Lisboa, embarcam nas nossas armadas, comerciantes, cartógrafos, curiosos, espões. Entre eles vem o sábio Martin Behaim de Nuremberg que se estabeleceu em Lisboa até à morte. Matemático, cosmógrafo, navega, inventa instrumentos náuticos, desenha mapas, globos.

Passam depois as figuras do Duque de Schomburg e do Conde de Lippe que reorganizam eficazmente as tropas portuguesas nos períodos da Guerra da Restauração e nos meados do século XVIII.

Também os casamentos dinásticos com os Habsburgos espanhóis terão contribuído para manter um certo relacionamento, mas na verdade os contatos continuaram esparsos.

Nos meados do século XIX o príncipe alemão, D. Fernando de Saxe-Coburgo, casou com a Rainha de Portugal D. Maria II e ocupou durante muitos anos a posição de Príncipe-Consorte. Artista, como seu sobrinho Luís da Baviera, espírito curioso dos progressos da ciência, tornou-se numa figura proeminente da vida portuguesa de então, e por diversas formas contribuiu para um relacionamento mais estreito entre a Alemanha e Portugal.

Nos finais desse século, a Alemanha, subitamente interessada por África, interveio algumas vezes no jogo de forças entre a França e a Inglaterra, em torno do que restava do Império Colonial português.

Os dois países enfrentaram-se militarmente durante a Primeira Guerra Mundial, quando Lisboa cedeu à tentação de se envolver na política continental, preocupada em preservar as suas possessões africanas.

No decurso da Segunda Guerra Mundial, a neutralidade portuguesa, pensadamente defendida, constituiria uma preocupação para o Eixo, tendo terminado com a cedência dos Açores aos Aliados em 1944.

Debruçam-se ainda sobre coisas portuguesas alguns *scholars* alemães, que deixam obra notável, como Carolina Michaelis e Joseph Piel. São porém casos esporádicos.

O conhecimento recíproco continua mais que exíguo.

Com o turismo do após-guerra os alemães descobriram o Algarve. Mas só têm olhos para as praias e o sol. Não se apercebem do país que lhes está adjacente, nem do esplendor da sua herança cultural, nem da sua personalidade tão rica e específica.

Com a convivência adentro das paredes da Comunidade, toda esta situação tenderá porém a modificar-se pela própria natureza dos contactos que o quotidiano comunitário pressupõe e exige.

Portugal vai abrir à Alemanha janelas sobre os oceanos. Vai ajudar os alemães a descobrirem o mundo extra-continental. Nós, portugueses, que estamos fora e dentro da Europa, vamos explicar-lhes melhor essa para eles inexplicável realidade que é a forma de sentir dos povos da África, da América Latina, da Ásia. Vamos procurar conscientizá-los da urgência do diálogo, da cooperação e ensinar-lhes a melhor forma de o fazer. Vamos lembrar-lhes que não há tempo a perder e que não há futuro para a Europa sem abertura e permuta.

Hermeticamente, escreveu um dia Fernando Pessoa: (...) *A alma portuguesa deve estar com sua irmã, a alma germânica...* Ao pensarmos em temperamentos tão díspares como o alemão e o português, só não exclamamos *que disparate!* porque a experiência nos ensina que numa dimensão que nos ultrapassa, o nosso Fernando nunca diz nada que não resulte de uma sutil análise.

A mim me parece que ele está neste caso a referir-se ao único ponto em que as almas lusa e germânica se afloram e se identificam e que é a capacidade da Paixão. Sim, porque os alemães racionais, frios, secos, disciplinados, cedem como nós a uma paixão súbita e devastadora que altera a lógica da vida, uma paixão toda interior, por isso a contrastar com as grandes explosões temperamentais, de outros peninsulares.

São os rios que correm dentro de nós e magicamente fazem dos opostos, iguais!